

LIBERDADE OU ABANDONO?  
UM JOVEM PERDIDO EM *AMÉRICA*, DE FRANZ KAFKA  
*FREEDOM OR ABANDONMENT?*  
*A YOUNG MAN LOST IN AMERICA, BY FRANZ KAFKA*

Beatriz Helena Souza da Cruz<sup>1</sup>

**RESUMO:** O romance *América*, de Franz Kafka, escrito há mais de um século traz, nos três primeiros capítulos, a chegada do alemão Karl Rossmann aos Estados Unidos da América, e o posterior abandono por parte do tio que deveria acolhê-lo. Entre os vários temas que a obra pode suscitar, este artigo trará reflexões sobre a diferença entre estar abandonado e ser livre. Passaremos brevemente por questões como a liberdade, o eu, o ser e o saber.

Palavras-chave: *América*; liberdade; abandono.

**ABSTRACT:** The novel *America*, by Franz Kafka, written more than a century ago brings, in the first three chapters, the arrival of the German Karl Rossmann to the United States of America, and the subsequent abandonment by the uncle who should welcome him. Among the various themes that the work can evoke, this article will bring reflections on the difference between being abandoned and being free. We will briefly pass by issues such as freedom, the self, the being and the knowing.

Keywords: *America*; freedom; abandonment.

## 1. INTRODUÇÃO

O tempo, como sabemos, é algo relativo. Se para a história a passagem de setenta anos é tida como “recente”, para um ser humano pode compreender o período de toda uma vida. Da mesma forma, a percepção que temos da passagem das horas é relativa, por vezes ligada e significada por sentimentos como ansiedade e contentamento, levantando em nós angústias ou alívios. Ao longo do romance *America* de Franz Kafka,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras Vernáculas, UFRJ.

veremos Karl Rossemann mudar, repentinamente, da condição de sobrinho acolhido para jovem abandonado que, “cheio de assombro”, vê-se “ao ar livre.” (KAFKA, 1965, p. 107).

Exibindo uma abertura menos arrebatadora que a de obras como: *Metamorfose*: “[q]uando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” (KAFKA, 1997, p. 07); ou *O Processo*, cujas primeiras palavras são “[a]lguém devia ter caluniado a Josef K., pois sem que ele tivesse feito qualquer mal foi detido certa manhã.” (KAFKA, 1979, p. 07), ambas aberturas em que somos imediatamente pegos de surpresa em uma situação impactante, o romance *América* narra a emigração de um jovem alemão para os Estados Unidos da América no início do século XX com as seguintes palavras iniciais:

Quando Karl Rossmann — rapaz de dezesseis anos de idade a quem seus pobres pais enviaram para a América porque o tinha seduzido uma criada que depois teve dele um filho — entrava no porto de Nova Iorque, a bordo desse vapor que já havia diminuído sua marcha, viu de súbito a estátua da deusa da liberdade, que desde há alguns instantes vinha observando, como se agora estivesse iluminada por um raio de sol mais intenso. Seu braço com a espada ergueu-se como com um renovado movimento, e em torno de sua figura sopraram os ventos livres. (KAFKA, 1965, p. 21).

Já neste parágrafo inicial aparecem palavras centrais para a observação de um ser humano deslocado de seu meio, construindo um percurso, e, particularmente, para pensar na questão da liberdade, pela forma como se desenrolarão os acontecimentos.

Tomemos como ponto de partida os modos pelos quais podemos utilizar a palavra “pobre”, que pode significar aquele que não tem o necessário à vida, cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social. No entanto, percebo como incoerente que, em uma casa de pobres, materialmente falando, haja alguma criada, como se menciona no texto.

Isto me leva a pensar que o adjetivo “pobre”, empregado para descrever Karl Rossmann, atue para antecipar a condição de quem inspira compaixão, no sentido desprovido de sorte. De fato, desventuras aparecem constantemente na vida deste personagem que emigrara afastando-se de um acontecimento embaraçoso na terra natal, vindo a encontrar novos infortúnios depois de atravessar o oceano. Destaco na abertura do romance, o momento em que se avista a Estátua da Liberdade, símbolo de uma nação que se constrói e se propaga como a terra da liberdade, país que será o cenário no qual este jovem conhecerá as aflições de estar desamparado, visto que a segurança, neste país, está ligada a condições materiais, as quais determinam o *status* social de cada um.

Do ponto de vista da obra literária, propriamente como está apresentado em volume, *América* é um romance dividido em dez partes, a saber: I — O foguista; II — O Tio; III — Uma quinta nas cercanias de Nova Iorque; IV — Caminho para Ramsés; V — Hotel Ocidental; VI — O caso Robinson; VII — Um asilo; VIII — Do serviço em casa para Brunelda; IX — A mudança de Brunelda; X — O grande teatro integral de Oklahoma, compondo uma obra que passa de trezentas páginas.

Visando atender ao objetivo inicial de compor um artigo em que sejam respeitadas a concisão e a coerência, tanto pelos limites de um estudo expresso neste formato, quanto pela complexidade que seria apresentar de uma só vez o romance inteiro, nos deteremos nas três primeiras partes de *América*.

## 2. ENTORNOS

Quando, no Livro VII d’ *A República*, Platão (1999) propôs a alegoria da caverna — na qual homens estão desde o nascimento acorrentados, restritos a olhar constantemente para frente e tomando as sombras do que acontece fora da caverna como realidade, culminando com a morte daquele que, tendo escapado e visto o

mundo, voltou para resgatar os outros — a humanidade tem a seu dispor elementos para refletir acerca do que seja opressão, percepção, ignorância, esclarecimento, tolerância e violência.

A alegoria construída por Platão acaba se constituindo como um modelo para observarmos nossa condição de não informados. Deste modo, é justo adiantar que a personagem, Karl Rossmann, não morrerá, posto que não carrega a marca do filósofo, aquele que põe a vida em risco com o objetivo de tentar libertar os outros das correntes e levá-los a sair da caverna.

A “caverna”, entretanto, parece fadada a se renovar, como analisa Auerbach, no trecho a seguir:

O estudo da realidade mundial por meio de métodos científicos preenche e domina nossas vidas, por assim dizer, é este o nosso mito, uma vez que não temos nenhum outro dotado de valor geral. Dentre os aspectos da realidade, a História é aquele que nos atinge mais de perto (...). Aquilo que somos, nós o somos por nossa história, e só dentro desta poderemos conservar e desenvolver nosso ser (...). (AUERBACH, 2007, pp. 360 - 361).

Tendo tais questões em mente e considerando que “[o] ponto de vista de uma obra deve ser entendida em função do seu tempo, do qual é resultado e expressão” (SENA, 1991, p. 124), observo que, em seu arbitrado cânone, Harold Bloom incluiu Kafka na parte IV, das cinco que compõe o volume, denominada “A era do caos”, afirmando que “[s]eus escritores chave são Freud, Proust, Joyce, Kafka”, aos quais considera que ‘personificam qualquer espírito literário que possua a era.’”(BLOOM, 2010, p. 13)”.

Pode ser de alguma utilidade lembrar que o autor não chegou a testemunhar a Segunda Guerra Mundial, e todo o seu legado de horrores, com destaque para o nazismo. Tendo vivido e escrito nas primeiras décadas do século passado, deixava transparecer em sua obra, composta antes mesmo do início da Primeira Guerra, a

crueldade e a violência com que os seres humanos desprovidos de posses eram tratados na sociedade daquela época.

Os textos de Kafka, além da qualidade literária, relacionam-se em proximidade com o cotidiano na medida em que, de modo geral, há personagens debatendo-se dentro do sistema de leis e procedimentos da organização formal da sociedade. Em muitos casos, há personagens designados por uma letra, abrindo-se para que simbolizem qualquer indivíduo. Quanto a isto, em *América* é diferente, como observou Walter Benjamin: “A importância de Amerika<sup>2</sup> na obra de Kafka é demonstrada pelo próprio nome do herói. Enquanto nos primeiros romances do autor se designava apenas, em surdina, por uma inicial, nesse livro nasce de novo, no novo mundo, com seu nome completo.” (BENJAMIN, 1985, pp. 144-145).

### 3. AMÉRICA

Como informado logo nas primeiras palavras, o alemão Karl Rossmann fora mandado para a casa de seu tio, atravessando um oceano, com vistas a desenvolver-se e avançar na vida, por ensejo de fugir de uma “situação embaraçosa” e prejudicial a um jovem. Mas é Kafka, o autor, e o que se segue rapidamente é um conjunto de peripécias, de modo a culminar no abandono, o que nos interessa aqui.

Ao observar a crítica literária, embora Bloom tenha estruturado *O Cânone Ocidental*, em grande parte, exercitando comparações entre escritores, ele também faz afirmações que considero pertinentes de mencionar e comentar. Concordo quando ele diz de Franz Kafka que “suas narrativas mais longas — *Amerika*, *O Processo* e *O Castelo* — são melhores em partes do que como obras completas; (...)” (BLOOM, 2010, p. 579).

De fato, o romance inteiro segue um roteiro interessante, condizente com o que se conhece dos Estados Unidos à época, uma nova “terra prometida”. Como já dito, e

---

<sup>2</sup> Título original.

pensando em termos da aplicação do conceito de verossimilhança, a obra alcançou grande êxito; e tem o mérito de nos carregar para dentro daquelas situações que se sucedem, por vezes num fluxo realmente avassalador. No entanto, circunscrevendo a leitura às três primeiras partes, mudando, portanto, a perspectiva, muda-se também a leitura e pode-se, penso, ressignificar certos detalhes.

Lendo *América* preciso constantemente me lembrar de que foi escrito há um século. E por que isso acontece? Em parte, porque o fato de uma pessoa desamparada de uma família e sem a segurança de um emprego formal, o que significa, entre outras coisas, estar sem dinheiro num mundo em que o dinheiro é a chave para todas as portas, é algo lamentável e incomodamente atual. Neste sentido, é mais adequado afirmar que, no capitalismo, pretende-se que o dinheiro seja a chave que abre todas as portas, visto que, no fundo, não é.

O desejo de saber, a busca por mais conforto material e a curiosidade compõem os combustíveis das invenções e descobertas. O homem constrói mundos e tudo está relacionado ao homem. Como diz Sartre, “[o] homem é o ser em face de quem nenhum outro ser pode manter a imparcialidade, nem mesmo Deus. Pois Deus, se existisse, estaria, como bem viram certos místicos, em situação em relação ao homem.” (SARTRE, 1993, p. 21).

A humanidade conta, assim, com mentes singulares como a de Kafka. Em sua obra, o andamento do tempo é o espaço onde se desenrolam metamorfoses, seja um homem que acorda inseto, seja um jovem “pobre” que se torna um “sem teto”. Ainda conforme Bloom, “(...) suas narrativas, curtas e longas, são quase invariavelmente brutais nos acontecimentos, tonalidades e provações. O terrível vai acontecer.” (BLOOM, 2010, p. 583). É, de fato, esta sensação que nos invade em certos momentos, quando se aproxima o limite de alguma situação. E é também esta percepção que me levou a pensar na diferença entre estar livre e ser abandonado.

Pensando no andamento do tempo em Kafka, leio Ronaldo Lima Lins que, ao analisar Borges, Joyce e Kafka, escreveu que: “(...) [s]e nos debruçarmos sobre eles, sentiremos que transitam por caminhos convergentes onde mais pretendem separar-se, tudo porque o Tempo (mas não será o destino?), por excelência o instrumento de metamorfose, como demonstra Proust, ergue-se e nos imprime um selo, um sinal característico.” (LINS, 2002, p. 75).

“O escritor é um falador; designa, demonstra, ordena, recusa, interpela, suplica, insulta, insinua, persuade.” (SARTRE, 1993, p. 18). Embora eu concorde, é claro, com tal afirmação, devo dizer que isso não significa que um conto ou romance, como *América*, nos conduza, necessariamente, por uma estrada asfaltada, pois na linguagem, assim como na vida, o caminho se constrói em consonância com o preenchimento das lacunas.

#### 4. UM JOVEM PERDIDO NA AMÉRICA: LIVRE OU ABANDONADO?

Estes contextos, tanto de guerras no mundo, quanto da organização da sociedade que aparece no texto de Kafka, implicam na perda de liberdade, o que me levou a um ensaio de Jorge de Sena, “Marx e O Capital”, de 1962<sup>3</sup>, no qual se lêem as seguintes considerações:

(...) Na complexidade social do mundo moderno, é este o terrível dilema: como pode o Estado obrigar os homens a ser livres, sem roubar-lhes a liberdade, e como podem os homens, sem garantia alguma de sanção transcendente, assumir a sua própria liberdade. *Das Kapital* apontou um método de apropriação da realidade social. Se o Homem não sabe ou não pode administrar a *mais-valia*, que é o preço da sua liberdade, é porque, sendo inferior a si mesmo, não é digno do que Marx, herdeiro da filosofia ocidental, imaginou que ele era. (SENA, 1991, p. 139 — 140).

---

<sup>3</sup> Uma elucidativa leitura de O Capital em face dos ataques que esta obra atraiu, surgido e “publicado num momento prenhe de esperanças e de ameaças a vida brasileira” (SENA, 1991, p. 13), reunido no volume de Ensaio *Maquiavel, Marx e outros estudos*.

Mergulhando diretamente, temos um rapaz que é enviado para a “terra das oportunidades<sup>4</sup>”, sendo assim lançado a uma selva, o centro do mundo capitalista; no “primeiro romance de Franz Kafka, escrito entre 1912 e 1914” (KAFKA, 2003, p. 7), publicado em 1927. Este rapaz é a personagem Karl Rossmann, sob o qual pesam questões relativas ao ser humano, à condição humana, principalmente uma: tendo bruscamente ficado sem o amparo de um parente nos Estados Unidos, este rapaz estava em condição de liberdade ou de abandono?

Em que circunstâncias podemos considerar que um homem seja livre, ou seja, na complexidade em que se desenvolve a existência humana, o que determinaria a liberdade? Filosoficamente, a questão é antiga, desde a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. Diz o filósofo que “é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não”, ou seja, “aquele que é causa interna de sua ação ou da decisão de não agir.” (apud CHAUÍ, 1994, p. 360).

Pensemos em Karl Rossmann. Enquanto ele está sob a tutela de seu tio Senador, deveria submeter-se às suas ordens, no entanto faz o oposto; mas, em que momento recebe tal informação? Como em algumas obras de Kafka: após o recém-chegado ter descumprido uma regra da qual não fora previamente informado, ou seja, sem a menor chance de prevenção, cai sobre Rossmann uma condenação implacável, conforme podemos ler na derradeira carta do Senador ao sobrinho, da qual citarei apenas trechos, a título de ilustração:

Querido sobrinho: como já terás percebido durante nossa convivência, por infelicidade excessivamente breve, sou integralmente um homem de princípios. (...) aos meus princípios devo tudo o que sou e ninguém tem o direito de exigir que eu negue minha existência sobre a terra tal como sou; (...) depois do acontecimento de hoje, eu te afasto de mim e peço encarecidamente que nem

---

<sup>4</sup> Como lemos no prefácio da obra, “A América ecoava aos ouvidos europeus, sobretudo aos judeus, cujas possibilidades estavam esgotadas ou cerceadas no velho mundo, como a Terra da Promissão, a Canaã dos tempos modernos.” (KAFKA, 1965, p. 16).



venhas ver-me tu mesmo, nem procures relações comigo por carta ou por intermediários. Contra a minha vontade decidiste afastar-te de meu lado esta noite, e se é assim, mantém essa decisão tua durante toda a tua vida; (...) (KAFKA, 1965, pp. 103-104).

É possível inferir que a liberdade é um conceito que precisa ser relativizado, visto que, neste caso, Karl era livre da escravidão e mesmo do trabalho assalariado, mas não estava desobrigado de obedecer aos desígnios do tio. É claro que também poderíamos nos debruçar acerca da causa de um homem estabelecido no estrangeiro comprometer-se em receber um parente para, logo em seguida, na primeira oportunidade, livrar-se dele, abandonando-o à própria sorte. Mantenhamos, entretanto, o foco em Karl Rossmann, livre para escolher e escravo das consequências.

Não será possível aprofundar aqui a questão do “Ser”, entre outras razões devido à complexidade em que este tema se desdobra, mas, assim mesmo, penso ser fundamental mencionar a consideração sobre o homem com que Kojève inicia sua *Introdução à Leitura de Hegel*:

O homem é consciência-de-si. É consciente de si, consciente de sua realidade e de sua dignidade humanas. É nisso que difere essencialmente do animal, que não ultrapassa o simples sentimento de si. O homem toma consciência no momento em que — pela primeira vez — diz “Eu”. Compreender o homem pela compreensão de sua origem é, portanto, compreender a origem do Eu revelado pela palavra. (KOJÈVE, 2002, p. 11).

Karl Rossmann, em certa medida, é lançado bruscamente à necessidade de tomar consciência de si no momento em que se percebe em pleno desamparo, após a leitura da já mencionada carta de seu tio Senador. É lançado a um novo início, semelhante ao nascimento, em que se tem toda a estrada da vida pela frente. Isto é percebido pela leitura dos dois parágrafos finais da terceira parte do romance, última das três analisadas aqui, dos quais cito alguns trechos, a seguir:

Karl, cheio de assombro, viu-se ao ar livre. Frente a ele, uma escada sem corrimão ligada à casa conduzia ao jardim. Era somente necessário que descesse e que depois se dirigisse ligeiramente para a direita, para a avenida que conduzia à estrada. (...) Não sabia estabelecer, com certeza, em que direção estaria Nova Iorque. (...) Por fim, desse-se que não era indispensável que fosse a Nova Iorque, onde ninguém o esperava, onde até havia alguém que, com toda certeza, não o esperava. Escolheu, portanto, uma direção qualquer e começou a caminhada. (KAFKA, 1965, p. 107).

A partir do “eu”, que se revela pela palavra, passemos para a *liberdade* que, ainda segundo o Dicionário Houaiss (2011), aparece como: 1) direito de expressar qualquer opinião e agir como quiser; 2) licença, permissão; 3) condição de não ser prisioneiro ou escravo. Por outro lado, no Dicionário de Filosofia, vemos que *liberdade* figura como: “aquilo que é causa de si mesmo. Sua primeira expressão encontra-se em Aristóteles.” (ABBAGNANO, 2012, p. 699). Ocorre que estas informações de significância no âmbito da língua, embora úteis, não dão conta da questão da liberdade no percurso da vida humana.

Segundo Kojève, “[o] homem se confirma como humano ao arriscar a vida para satisfazer seu desejo humano, isto é, seu desejo que busca outro desejo” (KOJÈVE, 2002, p. 14) e, tendo esta afirmação em mente ao ler a narração dos primeiros acontecimentos de Karl Rossmann no exílio, sou levada a considerar que o ser humano se arrisca para manter a liberdade de encaminhar autonomamente sua vida.

Assim, expõe-se ao risco de perceber que a liberdade possível é muito limitada, visto que existimos em relações sociais, seja no âmbito da família ou nas relações de trabalho, em busca da sobrevivência material, mas sempre em um determinado grupo social, em relação ao qual é muitíssimo difícil que possamos ficar indiferentes.

Recorrendo novamente à filosofia, “[é] por ser livre e incondicionada que a vontade pode seguir ou não os conselhos da consciência”; sendo assim, “[a] liberdade será ética quando o exercício da vontade estiver em harmonia com a direção apontada

pela razão” (CHAUÍ, 1994, p. 361). Aqui, penso que seja momento de lembrar o papel do saber, da importância do conhecimento como guia para nos mover nessa condição de ser livre que, para Sartre, define a “humanidade dos humanos”. (SARTRE, 1993, p. 21).

Tendo sido enviado para morar no estrangeiro, que é como o romance se inicia, Karl Rossmann trazia consigo todos os seus pertences num baú. Ainda no primeiro parágrafo do romance, imediatamente após avistar a Estátua da Liberdade, por ocasião do desembarque, o rapaz viu-se emaranhado em uma sequência de erros, aparentemente iniciados por ter ele confiado em um estranho, ou seja, sem dimensionar a importância de seus pertences, percebendo a ausência de um único objeto, deixou seu baú inteiro sob os cuidados de “um jovem com o qual travara fugaz relação durante a travessia” (KAFKA, 1965, p. 21).

Observe-se a relação deste jovem com a liberdade, visto que toma suas próprias decisões, não seguindo, por exemplo, recomendações de prudência quanto a confiar em estranhos, revelando insuficiente aprendizado do funcionamento do mundo e das relações em sociedade.

É bem verdade que, assim procedendo, apresenta um péssimo cartão de visitas perante o tio, ainda antes do desembarque, na medida em que dá exemplos da sua imprudência, tanto no episódio da perda do baú, quanto na defesa que toma de um empregado do navio contra aqueles que o comandam. Nestas oportunidades, demonstrou não observar as relações hierárquicas, nem de autoridade. É importante lembrar que é neste momento da defesa do “foguista” que acontece o primeiro contato entre o Senador Edward Jakob e seu sobrinho.

Conforme o Dicionário de Filosofia, “(...) [o] conceito de sabedoria refere-se tradicionalmente à conduta racional nas atividades humanas, ou seja, à possibilidade de dirigi-las da melhor maneira.” (ABBAGNANO, 2012, p. 1021). Considerando-se tal conceito, mesmo sem aprofundá-lo, fica claro que alguém que confia seus bens a um

indivíduo desconhecido e depois emprega seu tempo e energia na defesa de outro estranho, deixando-se levar por aquele que representava uma das partes em uma contenda, não demonstra mínima sabedoria, expondo a risco a própria segurança.

Voltando ao começo do romance, olhemos ainda para este episódio do desembarque e da conversa com “o foguista”. Rossmann demonstra conhecer a postura necessária para assumir-se como membro da sociedade de forma (algo) independente, materialmente falando; e, simultaneamente, reconhece a falta dessa disposição de se por ao trabalho que identificou como necessária. Retornemos ao texto:

(...) já não tenho quase dinheiro para os estudos. É certo que li de alguém que durante o dia trabalhava em uma casa de comércio e à noite estudava, até que chegou a doutorar-se e creio que foi mesmo alcaide; mas isto exige, naturalmente, grande perseverança, não é mesmo? Temo que a não tenha. Além disso, eu não era aluno excepcionalmente bom, e na verdade nada me custou deixar o colégio. (KAFKA, 1965, p. 25).

Podemos observar aqui a imaturidade condizente com a curta experiência de vida. No entanto, é interessante lembrar que um homem com dezesseis ou dezessete<sup>5</sup> anos de idade naquela altura da história encontrava-se diante das responsabilidades da vida adulta, não em um momento da adolescência — essa categoria historicamente recente que intermedia a passagem da infância para a vida adulta em nossos dias. Mas, como fica bem claro neste romance, a vida não para à espera que aprendamos as lições e nos preparemos melhor para agir; a vida acontece.

Neste sentido, a questão do saber é daqueles casos em que o percurso pode se apresentar como mais proveitoso para o aprendizado que alguma suposta resposta, na medida em que é durante o percurso, por vezes iniciado em falsas certezas ou na inexistência destas, que vivemos efetivamente as nossas vidas.

---

<sup>5</sup> Figura dezesseis na tradução de Torrieri Guimarães, 1965, e dezessete na tradução de Susana Kampff Lages, 2003.

Algo interessante de se observar aqui é o fato de que nascemos numa família em cuja escolha não nos envolvemos, que nos arbitra um nome, Karl — por exemplo. Tal família compreende também uma nacionalidade e *status* social a partir dos quais entramos na vida. Isto demonstra que liberdade não é uma condição absoluta, mas balizada dentro do sistema.

Do ponto de vista da leitura de um romance, em parte o que torna *America* grandemente interessante são as sensações que a narrativa desperta no leitor, por exemplo, angústia e temor, quando Karl Rossmann toma a defesa do “foguista”, tendo ouvido somente o seu lado da história, que poderia em nada, ou em muito pouco, corresponder à verdade dos fatos, no caso de ser fabulação do foguista para legislar em causa própria.

Voltaire definiu história como “o relato dos fatos dados como verdadeiros, ao contrário da fábula, que é o relato dos fatos dados como falsos” (VOLTAIRE, 2007, p. 3), mas em literatura trabalhamos com o conceito de verossimilhança, este elemento que contribui para que a literatura possa dialogar conosco.

Voltando ao início, como o romance não dá detalhes sobre o processo de tomada da decisão de enviar o rapaz para os EUA, simplesmente informando a viagem e o motivo, tenho liberdade para levantar hipóteses, após algumas leituras, visto que na primeira leitura empreendida fui sendo conduzida aos acontecimentos inesperados daquele desembarque. Refletindo, conjecturo se é possível classificar como abandono a atitude de “despachar” um rapaz para outro continente, sob os cuidados de um parente afastado, no caso o Senador Edward Jakob, que, segundo suas próprias palavras, “[e]m todos estes longos anos de (...) permanência na América” viveu “completamente afastado de [s]eus parentes europeus, por motivos que em primeiro lugar não vem ao caso, e que em segundo lugar me[lhe] seria realmente penosíssimo referir.” (KAFKA, 1965, p. 43).

Será o caso que, não tendo herdeiros, buscasse alguém de confiança? Algum jovem que pudesse educar, a quem pudesse transmitir seus conhecimentos e negócios, alguém que lhe devesse obediência, e por esta razão aceitou receber um parente distante? Será, por outro lado, que tencionava desde o início dar uma lição no sobrinho, já enxotado pela família, de modo a que este expiasse seu mau passo com uma criada? Será que foi simplesmente o temperamento do Sr. Jakob se manifestando? Terá sido por vingança contra os pais do rapaz que o aceitou? Não somos informados, mas é certo que, depois de contrariado, o Senador sentiu-se desobrigado do rapaz.

Mantendo seu modo direto de entrar numa história, e de nos carregar para dentro dela, o narrador demonstra de imediato, pelas próprias atitudes, quem é Karl Rossmann: um imprudente, imaturo e irresponsável rapaz. Claro, tudo é uma questão de ponto de vista. O do tio, empresário estabelecido nos EUA (a tão sonhada América) é, a meu ver, o de que Karl era um problema em potencial.

A esta altura cabe assinalar que era o momento do desenvolvimento do capital no início do século XX; de aprofundamento da exploração capitalista e suas contradições, no qual “a pretensa liberdade especulativa de alguns é feita da escravidão material de muitos” (SENA, 1991, p. 122); também o da atuação dos sindicatos no combate a tal exploração. Pensando no lugar do indivíduo numa dada sociedade, é útil dizer que um rapaz de dezesseis anos, diferentemente dos adolescentes atuais, era um jovem senhor, iniciando-se nas responsabilidades da vida adulta.

A questão central, para mim, é: Karl, ao decidir insistir na visita à casa de Pollunder imagina-se um homem livre, visto que somente nesta condição se pode tomar decisões. Porém, esta atitude virá a servir de justificativa para que seja abandonado nos Estados Unidos, culpado por gestos e palavras, pensamentos e omissões. Dizendo de outro modo: “Nas coisas em que a ação depende de nós, a não-ação também depende; e nas coisas em que podemos não também podemos dizer sim.

De tal forma que, se realizar uma boa ação depende de nós, também dependerá de nós não realizar má ação” (Et. nic., III, 5, 1113b 10 in ABBAGNANO, 2012, p. 700).

É como se Karl Rossemann estivesse num “mundo primitivo”, como mencionou Walter Benjamin, no qual “as leis e normas são não-escritas”, de modo que “[o] homem pode transgredi-las sem o saber” (BENJAMIN, 1985, p. 140).

Neste romance de Kafka, podemos ver realizada parte da análise da sociedade expressa por Karl Marx no *Manifesto do Partido Comunista*, em que “[a] burguesia rasgou o véu de sentimentalismos que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias” (ENGELS & MARX, 1987, p. 79). Quando observarmos a relação, brevíssima (é bem verdade) entre Rossmann e o tio, e também observando o fato de que ele foi “expulso” pela família por duas vezes — embora pareça não ter se dado conta da primeira expulsão — como no trecho a seguir fica explicado:

— Meu querido sobrinho tem sido (pronunciemos sem temor a palavra que define realmente este assunto), tem sido eliminado por seus pais, tal como se expulsa pela porta a um gato que incomoda. De nenhuma maneira quero eu aqui coonestar o que meu sobrinho fez para ser assim castigado, mas sua falta é tal, que somente o nomeá-lo já contém desculpa suficiente. (KAFKA, 1965, p. 43).

Cabe aqui salientar que a liberdade foi sendo conceituada de diferentes modos ao longo da história da filosofia. Espinosa, Hegel e Marx, “não colocam a liberdade no ato de escolha realizado pela vontade individual, mas na atividade do todo, do qual os indivíduos são partes” (CHAUÍ, 1994, p. 361). Estamos num meio, e é dentro dele que devemos nos posicionar, e isto tem uma relação direta com o conhecimento, inclusive dos mecanismos de funcionamento da sociedade.

Não se trata a defesa ou a crítica das proposições marxistas, mas da menção às lutas dentro do capitalismo. De fato, ao longo do romance vai sendo demonstrado o que poderia significar estar dentro do sistema, do lado oposto dos empresários, na

condição de vendedor da sua força de trabalho, como numa manifestação nas ruas, mencionada na narrativa, a qual Rossmann vê no trajeto para a quinta do Sr. Pollunder, e uma citada “greve dos trabalhadores da construção.” (KAFKA, 1965, p. 87).

Rossmann é enviado para o centro do capitalismo sem que tenha (ao menos, não demonstra ter) conhecimento do funcionamento total do sistema. Inicialmente sendo educado e conduzido a ocupar um determinado lugar, com certo conforto, bruscamente é lançado no extremo oposto.

## 5. ADIANTE, A ESTRADA.

Entre as diferentes leituras que *América* possa gerar, eu vejo a ilustração de algo que ainda está presente em nossos dias, que é a necessidade que o trabalhador — aquele que no capitalismo é possuidor apenas da sua força de trabalho — mantenha-se diariamente em condição de vender sua “mão-de-obra”, ou seja, não é somente durante o turno que ele está sob o domínio do patrão, como já dizia Bertold Brecht, seu tempo livre também estava sendo expropriado do empregado, na medida em que ele tinha (e tem) de estar pronto, com saúde.

Para Sartre, “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (1993, p. 21). Nesse sentido, a literatura fornece imensa contribuição ao saber e ao autoconhecimento, na medida em que cria situações, especula sentimentos e reações, de modo a nos permitir certas experiências no conforto de uma poltrona, desde que acessemos ao texto literário.

Ultrapassando as partes brevemente comentadas aqui, suceder-se-ão acontecimentos, dificuldades, enganos, em um percurso tortuoso, que envolverá ora desemprego, ora trabalho precário, e que confirmará o fluxo intenso na escrita, característico das obras de Franz Kafka.



Concluindo, quando escolhi para subtítulo “Um jovem perdido em *América*, de Franz Kafka”, tinha em mente as várias direções em que estar perdido pode levar. A partir do rompimento com o tio, ao final do recorte em que se baseia este artigo, fica-se com um jovem alemão vagando inseguro e desamparado num país que não conhece, cuja língua não domina. Abandonado em certa medida, mas livre a partir do momento em que “[e]scolheu (...) uma direção qualquer e começou a caminhada.” (KAFKA, 1965, p. 107).

Lembrando que no capitalismo a liberdade das pessoas está diretamente ligada com o “tamanho de seus bolsos”, ou seja, numa sociedade na qual tudo tem preço, em que se pretende que tudo possa ser comercializado, inclusive as vidas das pessoas, ter dinheiro é fundamental. Rossmann vê-se livre da tutela do parente, livre em certo sentido, mas a percepção imediata é de estar abandonado com seu baú e a estrada pela frente. Ao fim e ao cabo, o que está livre plenamente nesta obra é a sanha capitalista, governando os destinos tanto de exploradores quanto de explorados, frequentemente deixando estes abandonados à própria sorte.

Reformulando a reflexão inicial sobre a visão da Estátua da Liberdade, é correto dizer que esta é um símbolo de liberdade de uma nação que se constrói sob o signo do protestantismo liberal para os seus, à custa do trabalho e da privação de autonomia de outros povos e nações. É neste lugar que Rossmann está, o outro a ser explorado, visto que tudo o que este jovem tem pela frente são o chão da estrada e o tempo.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução coordenada por Alfredo Bosi. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

AUERBACH, Erich. *Ensaios de literatura ocidental: filologia e crítica*. Organização de Davi Arrigucci Jr. e Samuel Titan Jr. Tradução de Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, ed. 34, 2007.

BENJAMIN, Walter. “Franz Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte”. In *Obras Escolhidas Vol. 1, Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

- BLOOM, Harold. *O Cânone Ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO. Organização de Salles Villar. Rio de Janeiro: Moderna, 2011.
- KAFKA, Franz. *América*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.
- \_\_\_\_\_. *O desaparecido ou Amerika*. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O processo*. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EdUERJ — Contraponto, 2002.
- LINS, Ronaldo Lima. “Kafka, um traidor, herói de Borges”. In *O felino predador: ensaio sobre o livro maldito da verdade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- ENGELS, Friedrich; MARX, Karl Heinrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1987.
- PLATÃO. *Diálogos III – A República*. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SENA, Jorge de. *Marx e O Capital in Maquiavel, Marx e outros estudos*. Lisboa: Edições Cotovia, 1991.
- VOLTAIRE. *A filosofia da história*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Submetido em: 27/07/2015

Aceito em: 28/10/2015